



## INFORMAÇÕES DO TRABALHO

<p><b>OS PRINCÍPIOS FUNDANTES DA FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS DE PRIMEIRAS LETRAS: RELIGIOSIDADE, ÉTICA E MORAL COMO DISPOSITIVOS DE SABERES. 18. Formação de Professores. Memória e Narrativas</b></p>	<p><b>TRABALHO</b></p> <p><b>OS PRINCÍPIOS FUNDANTES DA FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS DE PRIMEIRAS LETRAS: religiosidade, ética e moral como dispositivos de saberes.</b></p> <p><b>Resumo</b></p> <p>Busquei analisar as ações formativas de Professoras Normalistas no Instituto de Educação Senhor do Bonfim na cidade de Jacobina com base nos princípios de religiosidade, moral e ética. Aqui, a regularidade desses princípios é fator recorrente das práticas dos mestres da Escola Normal. Então, vão interferir nos saberes “incutidos” no Currículo da Escola Normal e perpassam a vida das nove mestras habilitadas que viveram os seus processos formativos no exercício da docência nos (1945-1960). Ser normalista tinha caráter distintivo na sociedade da época onde essas “moças de família” tornaram-se autoridades e projetaram suas identidades pessoal e profissional, nos povoados em que tinham as suas “cadeiras” para lecionar e, a partir de valores morais preestabelecidos na própria grade curricular e na proposta de uma Educação voltada para os espaços rurais.</p> <p>Palavras-Chave: Religiosidade, Moral e Ética</p>	<p>Recebido em: 15/04/2014 Aprovado em: 25/04/2014 Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort Metodo de Avaliação: Double Blind Review E-ISSN:1982-3657 Doi:</p>
---	--	--

**Abstracto**

Trató de analizar las acciones formativas

normalistas Enseñanza en el Instituto de Educación de Senhor do Bonfim de Jacobina basado en los principios de la religión, la moral y la ética. En este caso, la regularidad de estos principios es un factor recurrente de las prácticas de los docentes de la Escuela Normal. Por lo tanto, va a interferir con el conocimiento "inculcado" en el plan de estudios de la Escuela Normal e impregnar la vida de los nueve hábil maestro que vivió sus procesos formativos en la profesión docente en (1945-1960). Ser normalista tenían carácter distintivo en la época en la que estas "niñas de la familia" se han convertido en autoridades y diseñado sus identidades personales y profesionales en los pueblos donde tenían sus "puestos" para enseñar y la sociedad, a partir de los valores morales pre-establecidos en su propio plan de estudios y la propuesta de una educación para las zonas rurales.

Palabras clave: Religiosidad, Moral y Ética

### **PRIMEIROS PASSOS :rompendo as cercas do saber nas Escolas isoladas**

Este artigo tem como propósito situar o processo de constituição identitária das professoras normalistas, remetendo aos aspectos teóricos em diálogo com as fontes de pesquisas, os quais procuram desvelar as trajetórias de formação vivenciadas pelas docentes no Instituto de Educação Senhor do Bonfim, no município de Jacobina.

As histórias de vida das “moças de família” em formação aparecem em fins dos anos 1940, no contexto das transformações econômicas e sociais vividas na chamada “cidade do ouro”[1]. As narrativas apresentadas pelas professoras revelaram, também, questionamentos políticos e ideológicos, que afetaram a educação e, consequentemente, o processo de formação de professores da época.

Com a expansão do ensino primário no

interior da Bahia, surge a necessidade da constituição de um corpo docente especializado para as Escolas Primárias - as quais possuíam na maioria dos lugares apenas professores leigos no corpo docente. São inauguradas as escolas normais com o intuito de formar professoras para atuarem nas escolas isoladas da região. É nesse cenário que a criação do Instituto de Educação Senhor do Bonfim vem impor e provocar marcas significativas no processo histórico da educação do povo jacobinense e da microrregião, desde Senhor do Bonfim, Campo Formoso, Morro do Chapéu, Miguel Calmon, Piritiba e adjacências, no propósito de ampliar as possibilidades de educação e da preparação das docentes para o mercado de trabalho.

Neste contexto, a possibilidade de continuação dos estudos para as moças tornou-se um objetivo para muitas famílias que moravam em Jacobina ou em sua redondeza. A docência passa a ser um objetivo almejado por muitos. Neste trabalho, apresento os percursos das “moças de famílias” em busca da formação docente produzida no entrelaçamento entre o pessoal e o profissional, sobretudo nas questões referentes ao pertencimento à profissão docente e sua constituição identitária, marcada pelo respaldo religioso e moral que delineou a formação da Escola Normal, no sertão da Bahia.

## **1 .0 - Tornar-se Normalista no Contexto reformista:primeiras itinerâncias**

Nesse tópico, a temática de formação das normalistas apresenta alguns aspectos referentes ao “tornar-se” normalista, no

contexto de mudanças educacionais reformistas, as quais causaram repercussões no processo de escolarização das professoras de Primeiras Letras e marcaram a vida pessoal e profissional das professoras. O desejo em assumir a docência é algo presente nas histórias de vida das docentes, sendo sinalizado pelo investimento feito pelas famílias ao longo dos anos. Ser normalista no sertão era algo almejado por muitas; porém, poucas “moças de família” conseguiram nas décadas de 1940-1960 ter acesso ao Curso Normal.

O sentido que essas professoras atribuíram à docência nos locais onde se constituíram “Mestras de Primeiras Letras” foi sendo produzido entre o entrelaçamento de um “eu” pessoal e um “eu” profissional que se desenhava na assunção de um papel social constituído na comunidade jacobinense. Até 1935, a rede escolar de Jacobina era constituída apenas de escolas isoladas, sendo construído o primeiro prédio escolar em 1936, chamado Escola Reunida Luz Anselmo de Fonseca (VASCONCELOS, 2009). Diante deste contexto escolar, havia muito interesse em assumir a profissão docente que estava sendo respaldada naquele período com a chegada da Escola Normal na cidade. O desejo em adquirir a profissão docente era algo que atravessava a vida das normalistas e de suas famílias, como nos relata Maria de Lourdes e Carmen:

Ser normalista era  
um motivo de  
orgulho para todo  
mundo, inclusive  
para as famílias, pois  
era “cartaz” estudar  
nas Sacramentinas e  
nem todo mundo  
podia[...] lá em casa  
minha mãe teve que  
escolher duas ou três  
para estudar em  
Bonfim e a terceira e  
quarta filhas ficaram

por aqui no Instituto  
Senhor do  
Bonfim[...] a gente  
não tinha muitas  
condições e minha  
mãe era professora  
de “fama” e recebia  
muita ajuda das  
pessoas de família  
rica[...] seus filhos  
estudavam com ela e  
agradavam muito[...]  
(MARIA DE  
LOURDES  
MAGALHÃES)

A entrada dessas moças no Instituto de Educação Senhor do Bonfim não foi algo fácil, considerando que a Escola instala-se em Jacobina como uma instituição particular, cujo acesso era restrito àqueles que tinham recursos financeiros para arcar com as despesas de escolarização. As demais “moças de família” que tinham o desejo em tornar-se normalistas precisaram recorrer à ajuda das famílias e/ou enveredar pelo “caminho da religião” [2] para conseguirem suas bolsas de estudo.

Eu sendo a terceira  
de seis filhos, minha  
mãe conseguiu a  
bolsa de estudos para  
mim e a caçula, pois  
ela fez questão para  
que eu tivesse uma  
formação igual à  
dela no colégio das  
freiras, ficando as  
outras duas para  
estudar no Instituto  
Senhor do Bonfim,  
pois aqui em  
Jacobina foi mais  
fácil para minhas  
irmãs estudarem  
uma vez que ela era  
professora de Canto  
Orfeônico do  
Instituto. (MARIA

DE LOURDES  
MAGALHAES)

Fui estudar nas  
Sacramentinas, pois  
meu irmão mais  
velho era quem  
cuidava da gente e  
minha mãe fez  
questão para que eu  
tivesse meus estudos  
nas Sacramentinas,  
pois eu desejava  
muito ser professora,  
e na minha cidade  
não tinha escola  
normal. (CARMEM  
LIMA)

A profissão docente nesta região  
representava um investimento para as  
jovens. Pode-se perceber que o empenho nos  
estudos foi deixado como herança pelo pai  
de Terezinha Lapa, o qual marcou o lugar de  
sua formação:

Meu pai, antes de  
falecer, deixou  
guardada uma  
quantia para que eu  
pudesse estudar no  
regime de internato  
nas Sacramentinas, e  
eu fui escolhida por  
ele porque desejava  
seguir carreira e  
desde pequena, eu  
também queria ser  
freira, e como tinha  
oito irmãos os  
homens seguiram a  
carreira de  
ferroviário, só eu  
tive o privilégio de  
estudar interna e me  
tornar professora...  
essa foi a herança  
maior de minha vida.  
(TEREZINHA

## LAPA)

A identidade docente já vinha sendo constituída antes da chegada ao Instituto Senhor do Bonfim, uma vez que as famílias já buscavam introduzir ou garantir a chegada da profissão de magistério em suas vidas. Para isto, o percurso que as normalistas fizeram para efetivarem seus cursos foi marcado por distintos caminhos, entre eles a busca por políticos influentes na região para a concessão de bolsas de estudo.

Minha mãe fez uma  
carta para o  
Deputado Clemente  
Mariani pedindo  
uma bolsa de estudos  
para mim nas  
Sacramentinas, pois  
aquele colégio era  
renomado, e a gente  
não tinha condições  
nem para comprar  
meu enxoval porque  
além de mim tinha  
outros irmãos.  
(MARIA DE  
LOURDES  
MAGALHÃES)

Eu tinha colega que  
era parente do Dep.  
Edivaldo Valois,  
então fui até ele e  
falei do meu desejo  
em estudar, visto que  
meus pais não  
tinham condições e  
esperei por dois  
meses, mas mesmo  
assim ele conseguiu  
uma bolsa de estudos  
para mim.  
(HELENA CRUZ)

Eu quando saí das  
Sacramentinas e

soube do Instituto  
Senhor do Bonfim  
fiquei encantada [...]   
como meu pai tinha  
falecido e ele era  
chefe de estação da  
Leste Ferroviária e já  
morava em Jacobina,  
nossa mãe trouxe  
todo mundo para  
Jacobina. O restante  
do dinheiro que meu  
pai deixou para a  
educação, ela pagou  
o primeiro ano no  
Instituto Senhor do  
Bonfim e depois não  
precisou pagar mais  
porque o Estado  
tomou conta.  
(TEREZINHA  
LAPA)

As três normalistas apresentam em seus relatos as marcas do desejo da família na busca pela profissão docente, algo tão difícil para as famílias menos abastadas naquela região. O lugar do pistolão para a entrada na educação sempre esteve muito forte na constituição da docência no sertão.

Na caracterização das normalistas, em suas fichas de matrícula, observa-se que a maioria dos pais destas “moças” eram analfabetos. Apesar de ser uma parte das famílias constituídas por fazendeiros, médicos, advogados, há presença marcante de filhas de lavradores e de ferroviários, considerando que durante da década de 1940 a agricultura era a fonte de subsistência desta comunidade e a mineração surge como oportunidade àqueles que não tinham expectativas para estudos, pois a vida não lhes permitia tal pleito naquele momento.

Constata-se, também, nos registros de matrículas, o crescimento vertiginoso do número de “moças de família” que buscava o Instituto de Educação para a formação. Tal fato revelou um investimento no processo de escolarização da mulher no sertão baiano.



Em consulta ao Livro de Matrícula do Instituto de Educação Senhor do Bonfim (1952), constatei que cada família tinha duas ou três filhas ao mesmo tempo matriculadas na escola normal. Com isso e com os relatos das normalistas, percebe-se que mais do que a preparação profissional, ingressar na Escola Normal significava um capital simbólico: “torna-se normalista”, “ser professora”, e “moça de família letrada” eram referências validadas pelos atributos morais e sociais daquela comunidade.

As professoras, nos "retratos" que faziam de si, ressaltavam as qualidades que a mulher deveria apresentar como esposa, mãe e mestra. Poder fazer o curso normal criava a possibilidade de assumir uma profissão que a dignificava como mulher. Entre os atributos que apresentavam para assumir o lugar de normalistas, elas elencaram os seguintes: fragilidade, bondade, humildade e modéstia. Também, ressaltaram que para a docência era necessário ter habilidades manuais e disposição para servir e sacrificar-se. Essas situações eram apresentadas como "normais" por fazerem parte, segundo elas, da "natureza" feminina e, portanto, da mãe e da professora.

Este perfil identitário construído pelas normalistas em relação à profissão docente foi respaldado pela formação apresentada nos Institutos de Educação, no período de 1940-1960, em que o papel da mulher estava muito atrelado às relações domésticas, às relações voltadas para o lar e para a família. A docência entra como mais um espaço para atender a este papel que a sociedade da época atribuía à mulher. Desse modo, é garantida a mulher na formação docente o lugar da esfera doméstica, as tarefas do cuidar e da maternagem. O próprio conteúdo da instituição reforçava o lugar da mulher nas relações com o lar, como por exemplo, as aulas de prendas domésticas, em que a Professora Maria de Lourdes não atribuía sentido algum na formação para a docência, consoante se pode conferir em seu relato:

Bem, na aula de  
Psicologia e Higiene  
Escolar, a gente  
tinha muita coisa  
para aprender...  
agora nas aulas de  
Prendas Domesticas  
quase não me  
interessava muito,  
não tinha muito  
jeito, sempre tirava a  
nota sete a ponto de  
passar. (MARIA DE  
LOURDES  
MAGALHÃES)

Neste período, o Semanário *O Lيدador* (1950) caracteriza a chegada da mulher nos cursos normais, atribuindo-lhe, também, adjetivos como: “trabalhadora”, “habilidosa”, “talentosa”, “sabida”, “cuidadosa”.

É importante dizer que a organização da escola normal foi oficializada pelo decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946, que estabelecia as finalidades do ensino normal:

1. Prover a formação do pessoal docente necessário às escolas primarias.
2. Habilitar administradores escolares destinados às mesmas escolas.
3. Desenvolver e prorrogar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância. (XAVIER, 1994, p.197).

A busca da identidade docente das normalistas esteve ancorada inicialmente no desejo pela profissão, uma vez que a prática profissional permitiria que as normalistas conquistassem uma posição de destaque e respeito na sociedade da época, a qual deveria ser regida pela boa conduta que era o aval maior das futuras professoras de Primeiras Letras. Fica expressa a preocupação com a imagem e simbologia

das normalistas projetadas nos Educandários de formação das Escolas Normais Rurais, considerando o lugar de formação das mulheres que eram maioria nos espaços com a função de destaque das qualidades individuais e profissionais de professoras de primeiras letras pautadas na moralidade e na distinção dessas moças seja na sociedade ou no próprio Instituto de formação.

As proibições que estavam inseridas nos procedimentos pedagógicos e na formação dessas “moças de família” visavam garantir a idoneidade moral, preparando-as para a “espinhosa” missão de lecionar nos espaços das escolas isoladas, sendo suas virtudes morais imprescindíveis na assunção da “cadeira”. A atividade pública passou a ser valorizada e a professora aparece como mulher pública, dedicada ao trabalho, à sua imagem, preocupada com a moral e os bons costumes da época, como nos narram Maria de Lourdes e Helena Cruz:

Lembro-me que  
tinha tanta dedicação  
ao meu trabalho na  
escola que nem tinha  
tempo para as festas,  
pois minha mãe era  
muito  
conservadora[...] Nas  
festas só se podia se  
apresentar em  
família e sempre não  
era procedimento de  
boa moral esta  
sempre em festa[...]  
tinha que se  
“preservar”, pois os  
rapazes sabiam dos  
procedimentos das  
moças de família  
(MARIA DE  
LOURDES  
MAGALHÃES)

Eu quase que não  
saía muito como  
morava em um

pensionato[...] vivia  
controlada e  
aproveitava meu  
tempo estudando não  
podia perder a bolsa  
de estudos[...] e meu  
pai não tinha  
condições para me  
manter em outra  
cidade, pois eles  
moravam em  
Mirangaba na  
roça[...] minha mãe  
morreu cedo e meu  
tio era muito rígido  
para comigo.  
(HELENA CRUZ)

As normalistas apresentaram em suas narrativas o rigor da formação sobre a própria vida, enfatizando o controle feito sobre as relações, as festas, amizades. A base conservadora na formação apareceu anteriormente à chegada do Instituto de Educação em suas vidas, as famílias já trazem estes elementos para nortear a relação das professoras com o namoro, com as amizades, com o fazer cotidiano.

A concepção de “normalista” esteve sempre atrelada a um conjunto de regras, algumas codificadas ou mecanizadas que buscava padronizar comportamentos, procedimentos e condutas que iam desde o uso de uniformes até a posição da mulher, professora normalista, diante da sociedade. Desta forma, todas estas vivências foram constituídas e construídas em um espaço simbólico que moldou um perfil identitário para estas professoras, pautando-se na ordem, no controle e na moral.

Em todos os depoimentos das normalistas, há presença da normatização dessas professoras, cujas normas vinham desde a família até a escola, numa perspectiva de projeção de uma identidade de professora que representasse os ideais republicanos da época. A ideia de controle, civismo e de moralidade caracterizava este momento no

país.

Ao passo que, a docência é uma atividade complexa, situada por variáveis de diferentes naturezas, considerando-se a relevância as condições objetivas de trabalho na configuração das práticas pedagógicas, de identidades profissionais e da profissionalidade docente, concebida quando a profissão é exercida com autonomia, em contínua formação, presente em uma determinada realidade e em constante ligação com seus pares. No período de formação destas normalistas, ser professora representava um importante símbolo de modernidade e de garantia de poder e profissionalização da mulher. Sendo assim, o ideal e o desejo atrelado aos fatores afetivos e familiares, eram considerados como fatores de prestígio social e político.

Em minha família  
tínhamos muitas  
professoras[...]  
Todas as moças  
queriam ser  
professoras  
normalistas  
“formadas” e sempre  
estava pronta para  
ensinar tinha prazer  
em dar aulas...  
arrumava os  
cadernos dos alunos  
e nas festas  
comemorativas eu  
fazia toda a  
arrumação e no  
desfile do dia 7 de  
setembro era minha  
dedicação maior. Era  
muito prestígio para  
as famílias. (MARIA  
DE LOURDES  
VIEIRA)

A própria vida interiorana das professoras  
vai se contrapor às antigas formas de vida,

como o hábito de “cuidados” que elas passaram a assumir pela vida afora, pois o mundo letrado e “civilizado” já sinalizava a figura dessa mulher que assumia uma profissão prestigiada.

Tornou-se evidente que a opinião da família e os parâmetros comportamentais que eram instituídos nesses espaços foram aspectos importantes para definir o papel social e a identidade das normalistas na preparação para o matrimônio e na assunção de funções que a missão de ensinar exigia no dia-a-dia. Assim, o diferencial de um comportamento que passava do pessoal ao profissional como distinção e orgulho era marcado por pertencerem à escola normal. Conforme Hall (1997, p.11-12), a identidade:

[...]preenche um espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e o mundo público de que projetamos a “nós próprios”, nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

Com base nessas concepções, as identidades docentes das normalistas foram se constituindo a partir da ideia de docência construída no período de 1940-1960 no interior do país, numa visão marcada pela moralidade traduzida pelas famílias na busca em manter o lugar da “moça de família” na sociedade e nas propostas de formação

construídas pelos Institutos de Educação que, naturalmente, corroboraram na projeção da docência construída nas escolas rurais do sertão da Bahia. *Tornar-se* normalistas era um desejo e um orgulho, como recorda a professora Maria de Lourdes, ao se reportar a um quadro que ficava na entrada do Instituto de Educação Senhor do Bonfim, que trazia em sua inscrição a tradução do sentimento que muitas tinham ou deveriam ter quando acabavam seus cursos: “*’Mestre – orgulho de Ser’, eu não esqueço esta frase*” (MARIA DE LOURDES)

Conclui-se que, as ações desenvolvidas no Instituto de Educação Senhor do Bonfim na formação das docentes, caracterizando o ensino oferecido e seus reflexos sobre a vida e profissão das normalistas tornando-se fato visível a preponderância dos princípios da moralidade em detrimento dos saberes enquanto elementos essenciais na formação das moças de famílias do educandário como fator de diferencial na microrregião.

## **2.0- Princípios da Formação Docente: Religiosidade, Moral e Ética**

A base da formação do Instituto de Educação Senhor do Bonfim estava centralizada no tripé: Moralidade, Higiene e Ética. Este tripé é entendido aqui como um conjunto de normas, posturas e condutas impostas aos alunos como forma de se obter a disciplinização do corpo e do espírito. Todas estas normas estiveram ancoradas, sobretudo, nos princípios da religiosidade, que marcaram a constituição do Instituto, na cidade de Jacobina.

É notório que no início do século XX, os elementos de base para organização escolar eram trabalhados diariamente na escola como: a moral, a higiene e a ética, como

relata Nunes (1992), para que os comportamentos dessas missionárias do saber fossem determinados e as mesmas incorporassem normas de condutas, visto que eram indícios trazidos pelo Escolanovismo. Estes princípios foram incorporados de diferentes maneiras por cada uma das normalistas ao adentrarem as salas de aulas.

O Instituto Senhor do Bonfim realizava o ato de “vigiar” o comportamento cotidiano das chamadas “moças de família”. A ideia de moral fica explícita na representação da escola para a comunidade. Pode-se observar no registro feito pelo Jornal *O Lيدador*, ao apresentar a chegada da Escola na cidade, em 1938:

Perante um povo  
civilizado; perante  
uma população  
progressista, perante  
um homem patriota e  
inteligente, a  
aquisição que a  
nossa terra acaba de  
fazer da supracitada  
Escola Normal  
Equiparada,  
educandário que já  
tem a sua fé de  
ofício solidificada  
pela moral e pela  
eficiência, reclama  
na posição de  
sentido, todos os  
elementos de prol  
que almejam e  
aplaudem a  
prosperidade desse  
rincão. Reclama que  
todas as pessoas de  
valor contribuam  
pela prosperidade  
dessa importante  
casa de instrução [...]

As identidades docentes que iam sendo



constituídas neste espaço passavam pelo lugar da formação de um ser moldado por princípios e regras pré-estabelecidas pela instituição escolar, reforçado, sobretudo pelos princípios católicos que inspiravam e conduziam a formação.

A constituição da identidade religiosa das normalistas sofreu influências nas trocas estabelecidas entre os sujeitos, através das experiências vivenciadas durante o período de formação, como recorda as professoras: “Nas lembranças de quase todas nós das aulas de canto orfeônico com Professor Armindo Oliveira... os cânticos Marianos eram os prediletos [...]” (HELENA MAGALHÃES); “Acho que desenvolvi esse gostar de cantar nas Sacramentinas, pois nós que viemos de lá cantávamos muito bem” (TEREZINHA LAPA)

Na condução da “cadeira” de Ensino Religioso e Educação Moral e Cívica, tinha a frente uma professora que era uma espécie de inspetora do comportamento das meninas e esses “cuidados” direcionados à figura da mulher estavam associados à competência técnica e à própria proposta da escola normal; porém, em alguns estados, ocorria o impedimento legal de exercício da profissão ao casarem - decisão esta do governador de cada província, que considerava inconciliáveis os papéis de mãe e de professora. Tais argumentos ancoravam-se na ideia da diminuição da família e, portanto, na diminuição da taxa de filhos. Talvez, por isso, tem encontrado professoras normalistas solteiras, “solteironas”. Outro fator diz respeito à instabilidade da carreira que estava sujeita a deslocamentos pelas cidades do interior do sertão baiano, e isso, provavelmente, atrapalhava as aproximações com os rapazes de “boa família”, considerados possíveis pretendentes. Assim, nas escolas normais, somente os professores que aparentavam certo prestígio na sociedade e que tinham idoneidade moral comprovada, e/ou médicos, padres ou freiras, ocupavam as “cadeiras” disciplinadoras e normatizadoras.

Os rituais e a própria força da Igreja Católica viviam inseridos no cotidiano de formação da escola normal, e essa prática era levada ao espaço das escolas isoladas, prédios e grupos escolares, onde o canto de hinos era uma prática vivenciada no dia-a-dia: “fazia fila na ordem de entrada, observando o tamanho dos alunos e ali se cantava o hino, após o discurso do professor ou diretor, além de que na saída cantava-se também como simbologia e legitimação da escola” (ARAÚJO, 2003).

O não cumprimento das normas pelas moças no espaço educacional podia ser compreendido como transgressão, fato que sequer era imaginado pelas Madres e/ou diretoras, as quais surgiam na instituição como “vigilantes da moral”. Torna-se visível na narrativa de Maria de Lourdes Vieira as saídas emergentes dessas moças fora das normas aceitas pela instituição, no tocante à visita aos espaços da Igreja e ou ambiente recreativo para outras conversas,

Algumas colegas  
deixavam de ir à  
missa para dormir  
mais um pouco ou  
inventavam doenças,  
pois não queriam  
ficar só rezando  
queriam se divertir  
ou estavam cansadas  
e queriam descansar  
[...] [e era uma forma  
de escapular desse  
controle total.

Nos testemunhos de duas normalistas, há marcas dessa “formação” embutida nas atitudes e “vozes”:

Desde quando  
estudei na  
Sacramentinas que  
eu tenho sagrado os  
Domingos e sempre  
agradeço às Irmãs da

Sacramentinas por  
ter me ensinado e os  
conhecimentos que  
obtive lá foram  
muito importantes  
para mim [...] eu  
adorava a matéria  
Educação Moral e  
Cívica [...] a escola  
de hoje não ensina  
mais nada disso.  
(TELMA  
BELITARDO)

Tenho muito  
presente, pois vou  
sempre a Igreja e aí  
de mim que se não  
fosse a minha fé  
despertada nas  
Sacramentinas que  
me tornou forte.  
(TEREZINHA  
LAPA)

Isto evidencia a “ousadia” das primeiras normalistas nas leituras que eram controladas pelo Instituto desde as Sacramentinas, pois as freiras eram rigorosas com as atribuições transferidas dos pais para educar seus filhos. Na foto abaixo, a normalista marca presença e ousadia em participar da recepção do saudoso Presidente Juscelino Kubstischek, em Jacobina, no auge da modernização:

Em quase todos os depoimentos, observei a validade dos preceitos religiosos e a responsabilidade com as questões do civismo, seja como valores que foram incutidos na formação, seja como uma ideologia pré-construída a partir das disciplinas da grade curricular do curso normal. Estas eram apresentadas como “certezas”, uma vez que ali se esgotavam os limites do conhecimento como algo “pronto” e acabado, na perspectiva de que o correto era o caminho estabelecido nos livros religiosos, conforme descreve Anécia

Rocha:

Todo mundo sabia se  
uma moça era  
normalista, o  
procedimento era  
outro [...] e as que  
vinham das  
Sacramentinas eram  
mais religiosas, e as  
de Campo Formoso  
mais tímidas e as do  
Instituto Senhor do  
Bonfim era uma  
pose de princesas  
[...]

Em relação à construção das identidades docentes, constata-se uma homogeneização de condutas e de ações com vistas à construção de uma identidade essencialista, na qual a docência pautava-se em um modelo já inscrito numa moral e ética traduzida nos princípios religiosos que mantinham o Instituto de Educação como fator referencial em sua preparação de moças distintas na sociedade baiana.

Mestre em educação e  
contemporaneidade-UNEB/USP  
Especialista em Linguística aplicada à  
alfabetização- UEFS Grupo de Pesquisa  
Autobiografia. Formação e História Oral –  
GRAFHO Grupo de Pesquisa Docência,  
Narrativas e Diversidade – DIVERSO  
–UNEB rubialapa@hotmail.com

## REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

Letra.mus.br  
, 2003-2012.  
Disponível em:  
[http://  
letras.mus.br  
/paulo-peres/460423/](http://letras.mus.br/paulo-peres/460423/).

Acessado em 05/06/2012.

LIMA, Marta Maria Leone. **Ingresso das mulheres no magistério da Bahia: o resgate de uma história**. Salvador, 2006.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira. **De Helenas e de professoras**. Teoria & Educação, n. 4, p. 172-175, 1991.

LOURENÇO FILHO, M. B. Ciências Psicológicas. In: Azevedo, Fernando de. **As ciências no Brasil**. (1994). Vol. II. (2. ed.) Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994

LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao estudo da escola nova**: bases, sistemas e diretrizes da

SOUZA, Elizeu Clementino de. A formação como processo de conhecimento: histórias de vida e abordagem (auto) biográfica. In.: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Maice da Silva; ALVARENGA, Márcia S.; e MAURÍCIO, Lúcia Velloso. **Vozes da Educação**: memórias, histórias e formação de professores. Rio de Janeiro: DP etalli, 2008, pp. 85/102.

XAVIER, M. E. S. P.; RIBEIRO, M. L. S.,  
NORONHA, O. M. História da educação: a  
escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.

---

[1] Nome dado a Jacobina devido a grande  
exploração de ouro presente desde o século  
XVIII.

[2] Preparação religiosa em regime de  
internato para se tornar freira.